

A educação para o empreendedorismo como fator de desenvolvimento económico e social. Propostas de mudanças sustentáveis: um estudo de caso no ensino superior em Timor-Leste

Bia Ble Hitu Carvalho de Jesus

Universidade Évora

Conceição Leal da Costa

Universidade Évora

Rui Quaresma

Universidade Évora

RESUMO

Constatamos um aumento do interesse por parte da comunidade académica e das instituições internacionais relativamente à importância dos sistemas educacionais. A Educação para o empreendedorismo não é exceção, implicando consequente atenção para a docência, os currículos e as metodologias de aprendizagem no Ensino Superior (ES). Este artigo procura identificar e descrever instrumentos, metodologias e práticas pedagógicas mobilizadas nas disciplinas de educação para o empreendedorismo no ES, assim como analisar e compreender percepções do seu impacto no desenvolvimento do país onde a investigação de doutoramento que se apresenta está a ser desenvolvida – Timor. O estudo foi baseado no modelo da Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen para o estudo da intenção empreendedora (IE). Adotouse uma modalidade de estudo de caso, tendo sido escolhida a Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL). A recolha de dados incluiu questionários a estudantes, para uma análise da intenção empreendedora, incluindo a análise do conhecimento empreendedor e do contexto institucional. Bem como a realização de entrevistas aos professores que lecionam a unidade curricular (UC) de empreendedorismo para recolher informações sobre as práticas pedagógicas mobilizadas no processo de aprendizagem. Os resultados revelaram que a maioria dos respondentes concorda que a frequência de uma disciplina de Empreendedorismo é potenciadora da IE para inovações e criação de negócios próprios. Os resultados da análise da correlação revelaram que os contextos institucionais apresentam uma correlação muito fraca (16,2%) sobre a intenção empreendedora dos estudantes. De facto, a análise dos programas de empreendedorismo da UNTL, concentram-se mais nos conceitos teóricos do que em práticas que com eles se relacionem, ou seja, os estudantes têm poucas oportunidades para praticar atividades de empreendedorismo de forma sustentada e fundamentada. Como consequência, mostra-se necessário introduzir no processo de aprendizagem experiências de formação empreendedora mais eficazes, com uma pedagogia mais ativa focada na articulação estreita entre teoria e prática, com ênfase na ação e no acesso ao mundo empresarial. Espera-se que os resultados contribuam para ajudar à elaboração de políticas universitárias que venham a criar um clima favorável ao empreendedorismo, subsidiando aprendizagens com capacitação de futuros empreendedores em Timor-Leste para a criação de emprego e desenvolvimento social sustentável.

Palavras-chave: Educação para o empreendedorismo; Estudo de caso; Ensino superior; Opções pedagógicas; Currículo e desenvolvimento sustentável.

INTRODUÇÃO

O conceito de empreendedorismo está associado ao processo de criação e/ou expansão de empresas inovadoras, seja por oportunidade ou necessidade, mas desempenhando sempre um papel de relevo na criação de emprego (GEM, 2019). Em resposta à globalização e às incertezas que surgem no mercado, estudos recentes salientam que o empreendedorismo constitui um fator chave de resposta a situações precárias, como a exclusão social e a pobreza, principalmente nos países onde o desemprego tem vindo a atingir dimensões preocupantes (Zaman et al., 2021), mas também tem contribuído para o desenvolvimento económico e social dos países (Carree & Thurik, 2010). Face a este cenário, é necessário à sua

VI ENJIE

Encontro Nacional
de Jovens Investigadores
em Educação

4 e 5 fevereiro 2022

integração no sistema educativo, com base numa política integrada que tenha como objetivo não só mudar as mentalidades, mas também melhorar as competências empreendedoras e eliminar os obstáculos que dificultam a criação, a transmissão e o crescimento das empresas (Lackeus, 2015).

Percebeu-se que há uma necessidade urgente de melhor entender esta problemática, desenvolvendo para isso um estudo que pretenda responder às seguintes questões de investigação: 1) Quais as características dos planos de estudos e opções pedagógicas subjacentes ao ensino formal do empreendedorismo timorense, no ensino universitário? 2) Será que os desenhos curriculares e as opções pedagógicas das diferentes unidades curriculares (UC) contribuem para promover a intenção empreendedora (IE) dos estudantes universitários em Timor-Leste (TL)? 3) Como melhorar o contributo da educação empreendedora para um maior e melhor desenvolvimento social de Timor-Leste? Face ao exposto, o estudo procura identificar e compreender, instrumentos, metodologias e práticas pedagógicas mobilizadas nas UCs de educação para o empreendedorismo, no Ensino Superior (ES), assim como analisar e compreender as perceções do seu impacto no desenvolvimento das pessoas e do país.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação para o empreendedorismo

A educação para o empreendedorismo foi introduzida pela primeira vez por Shigeru Fujiini na Universidade de Kobe (Japão), em 1938. Mais tarde começaram a surgir cursos de gestão de pequenas empresas na Universidade de Harvard (Redford, 2006), nos países da União Europeia (Carvalho & Costa, 2015) e noutros países no mundo. Em Timor-Leste, o primeiro curso sobre empreendedorismo foi introduzido no currículo do ES, na sequência da reforma curricular de 2014 (Jesus & Quaresma, 2019). A sua integração no currículo tem como objetivo o adquirir de conhecimentos nas áreas do saber e do saber-fazer, bem como no adquirir de competências empreendedoras essenciais para uma realização pessoal (Martins, 2013). Relativamente à sua importância na formação de competências empreendedoras nos estudantes, a Comissão Europeia (CE, 2016, p.21) definiu a educação para o empreendedorismo como:

(...) o desenvolvimento das competências dos aprendentes e a sua capacidade para transformar ideias criativas em ações empreendedoras. Trata-se de uma competência essencial para todos os aprendentes, que contribui para o desenvolvimento pessoal, cidadania ativa, inclusão social e empregabilidade. É relevante para o processo de aprendizagem ao longo da vida, em todas as disciplinas e para todos os tipos de educação e de formação (formal, não formal e informal) que contribuem para um espírito ou comportamento empreendedores, com ou sem finalidades comerciais.

Esta definição da CE mostra duas perspetivas bem diferentes, uma “restrita” e a outra “ampla”. A primeira refere-se ao conhecimento do empreendedorismo por parte do indivíduo, aquilo que ele apreende sobre o processo de identificação de oportunidades, ou seja, como iniciar, manter e aumentar o crescimento e a inovação de um negócio. Em suma, aprende a como se tornar um empreendedor. A definição mais ampla está associada não só às atividades económicas e à criação de empresas, mas a todas as áreas da vida e da sociedade. Trata-se de desenvolvimento ao nível pessoal orientado para a ação, ou seja, o ato de se transformar num empreendedor. Serve o propósito de aumentar a qualidade da preparação dos jovens ao nível das suas capacidades inovadoras, proativas e iniciativas, tanto para trabalharem numa organização (intraempreendedora), como para desenvolverem os seus próprios negócios (Schaefer & Minello, 2020).

A educação para o empreendedorismo deve ser entendida como uma estrutura educativa formal que permita o desenvolvimento de conhecimentos cognitivos e de competências empreendedoras não cognitivas. Quando se pretende promover as segundas, as atividades educativas devem ser introduzidas através de processos dinâmicos que envolvam situações em que o aluno aprende fazendo, permitindo-lhes colocar os conhecimentos adquiridos em prática (Lackeus, 2015).

2.2. Currículo e opções pedagógicas no âmbito de uma educação empreendedora

O currículo no ES é frequentemente entendido como constituído por uma disciplina ou pela organização das disciplinas que compõem um determinado curso (Mesquita et al, 2018). Aí deve-se dar ênfase ao papel do professor, por este ser um agente decisivo no processo de inovação e mudança das universidades, influenciando principalmente a qualidade do processo de ensino (Mesquita et al, 2018). Na época em que vivemos a mudança é um processo constante e variadas são as inovações que

VI ENJIE

Encontro Nacional
de Jovens Investigadores
em Educação

4 e 5 fevereiro 2022

provocam transformações na sociedade. A forma de encarar a ciência altera-se e conduz a mudanças profundas, não só nas atividades económicas, mas também nas atividades sociais. Tal requer uma atualização contínua de conhecimentos e a necessidade de formar um novo tipo de profissional que corresponda às necessidades atuais do mercado. Deste modo, proceder-se-á a uma contextualização das questões curriculares e opções pedagógicas no contexto do ES, nomeadamente ao nível da qualidade dos programas de ensino, dos modos de melhorar os processos de ensino e aprendizagem, da forma como os professores podem inovar a sua prática (Mesquita et al, 2018).

Uma nova visão do ES procura promover uma capacitação dos seus estudantes de forma profissional, envolvendo conhecimentos teóricos e práticos de alto nível, para a sua realização pessoal e participação ativa na sociedade e no mundo (UNESCO, 1988; ODS, 2017). Dessa forma, é imprescindível que o ES forneça uma formação de qualidade, em consonância com a Declaração Mundial sobre a Educação para o Século XXI (Delors et al. 1996). A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Incorpora, de modo consistente, nas políticas e práticas do ES os conceitos e objetivos relacionados com o desenvolvimento sustentável (ODS, 2017). Partindo deste pressuposto, torna-se relevante que as Instituições de Ensino Superior (IES) proporcionem nos seus currículos a educação para o empreendedorismo de forma mais integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal. Esta deverá também ser implementada em todos os cursos, de forma a promover a cultura empreendedora entre os estudantes, conduzindo à sustentabilidade económica, social e ambiental dentro das próprias instituições (Schaefer & Minello, 2020). O processo de formação de estudantes empreendedores necessita de quebrar a postura do ensino tradicional, que apenas forma em função da oferta existente, sem se preocupar em desenvolver a faceta empreendedora nos estudantes (Ribeiro, 2014).

Muitos autores recomendaram uma pedagogia ativa focada na teoria e na prática, que enfatize a ação e concentre os seus esforços na entrada no mundo empresarial. Assim, promove-se um método de aprendizagem orientado para a ação, para a experiência, para o contexto e para a resolução de problemas. Aprende-se descobrindo e fomentando atividades em que a imaginação e a criatividade têm prioridade. Outra estratégia prende-se com a realização de projetos de equipa que desenvolvam de forma holística todas as áreas apontadas acima (Schaefer & Minello, 2020). De acordo com Redford (2006) os conteúdos programáticos devem ser implementados com as demais técnicas pedagógicas, a saber: elaboração de planos de negócios, estudos de caso, visitas a empresas, brainstorming, projetos de criação de empresas, simulações, discussões, oradores convidados (empreendedores de sucesso), estudos de viabilidade de mercado, visitas de estudo (Redford, 2006). Para tal, o professor não é um mero transmissor de conhecimento, devendo integrar o empreendedorismo nas outras disciplinas, na instituição e na comunidade (Schaefer & Minello, 2020). O professor deve desempenhar o seu papel de facilitador, mas será o aluno o protagonista da sua própria aprendizagem, tornando-a significativa (Schaefer & Minello, 2020).

2.3. *Intenção empreendedora*

Um número crescente de estudos utilizam o modelo da Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991, 2002), em inglês, Theory of Planned Behavior (TPB) para o estudo da intenção empreendedora (IE). Este é um dos modelos mais utilizados para compreender e prever a IE de um indivíduo em relação à criação de uma empresa (Liñán e Fayolle, 2015). A principal diferença deste modelo relativamente a outros consiste no forte destaque dado ao contexto social. A TPB aborda três fatores motivacionais que pretendem prever e explicar o comportamento humano, em contextos específicos, como determinantes para o surgimento da IE (Liñán e Chen, 2009; Liñán & Fayolle, 2015). Três variáveis precedem a formação da intenção: 1) a atitude pessoal diz respeito à perceção de um comportamento favorável, ou não, que a pessoa tem em relação a tornar-se empreendedor; 2) a norma subjetiva refere-se à influência do ambiente social (principalmente no círculo restrito em que vive) no comportamento de um indivíduo, no que respeita a tornar-se, ou não, um empreendedor; e 3) a perceção sobre o controlo do comportamento reflete o grau de perceção do indivíduo sobre a sua facilidade, ou dificuldade, em realizar um determinado comportamento. Para Ajzen estas três variáveis expõem o intuito de realização de um comportamento. Quanto maior for a apreciação de um determinado indivíduo relativamente ao comportamento, maior será a sua intenção de concretizar o mesmo.

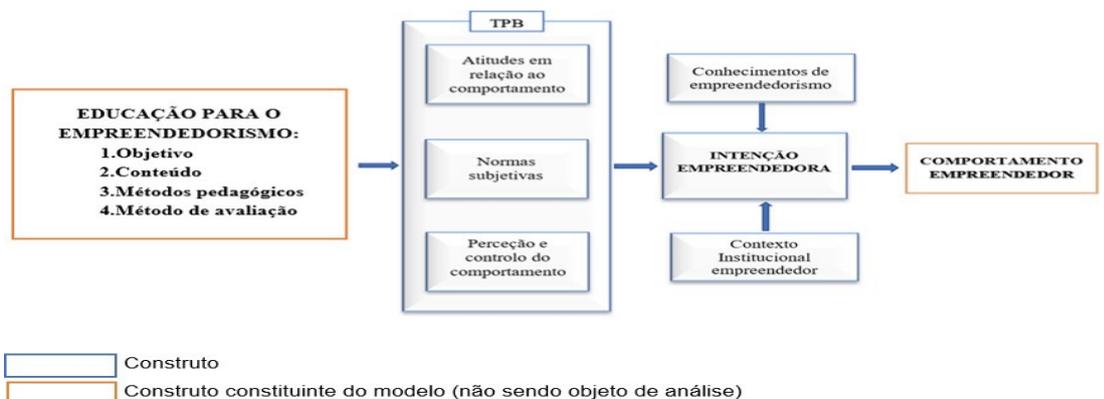
A literatura recente destaca o facto de a educação para o empreendedorismo ter dado uma resposta eficaz na formação das competências empreendedoras, tornando possível a aquisição da IE por parte

dos estudantes (Lackeus, 2015; CE, 2016). No entanto, alguns resultados empíricos não revelam isso. Por exemplo, o resultado do estudo de Hartsenko e Venesaar (2017) e Fayolle et al., (2006) mostram que a formação de empreendedorismo influenciou positivamente as IEs dos estudantes. Por outro lado, Kusumojanto et al., (2020) realizaram um estudo utilizando o mesmo modelo, mas este revelou um resultado contraditório relativamente às atitudes e IEs dos estudantes. Os autores salientam que este resultado foi determinado pela diferença nos métodos pedagógicos aplicados. A falta de professores qualificados na área, os insuficientes mecanismos de apoio, e as metodologias inadequadas podem ser apontadas como causas dos resultados obtidos.

2.4. Modelo de Análise e Hipóteses

A revisão da literatura permitiu a construção de um modelo conceptual para esta investigação, através da identificação de fatores que influenciam a IE. É importante a utilização de um questionário estandarizado, pelo que pretendemos validar a TBP para o contexto de Timor-Leste. Construímos um modelo que avalia o impacto da educação no empreendedorismo medido pela TPB. Simultaneamente serão avaliados mais dois constructos com impacto direto sobre a IE: conhecimentos de empreendedorismo e contexto institucional (Figura 1). As hipóteses de investigação são as que a seguir se apresentam:

- H1. A atitude pessoal dos estudantes em relação ao comportamento empreendedor tem correlação positiva com a sua intenção empreendedora.
- H2. As normas subjetivas têm correlação positiva com a sua intenção empreendedora.
- H3. A percepção do controlo de comportamento dos estudantes tem correlação positiva com a sua intenção empreendedora.
- H4. O conhecimento de empreendedorismo dos estudantes tem correlação positiva com a sua intenção empreendedora.
- H5. O contexto institucional tem correlação positiva com a sua intenção empreendedora.



Fonte: Adaptado de Fayolle et al, (2006) e Moreira (2014)

3. METODOLOGIA

Esta investigação adotou a modalidade de estudo de caso, tendo sido escolhida para tal a Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL) em Timor-Leste (TL). O estudo de caso desenvolve um plano de investigação que implica um estudo detalhado de uma identidade definida (Coutinho, 2018). Foi escolhida a UNTL para realização deste estudo uma vez que é a única universidade pública em Timor-Leste, constituindo-se como universidade de referência no país. A implementação do sistema Europeu de Transferência de Créditos (ECTS), em 2014, deu um importante contributo para a introdução do empreendedorismo no currículo, não apenas na Faculdade de Economia e Gestão (FEG) e na Faculdade de Agricultura (FAGRI), mas também noutras Faculdades: Engenharia, Ciências e Tecnologia (FECT) e Ciências Sociais (FCS). Esta investigação aplica uma combinação de abordagens qualitativa e quantitativa. A primeira será a mais indicada na área da educação, mas os dados apurados junto dos estudantes perspetivaram como essencial uma abordagem quantitativa. O processo de

recolha de dados durou dois meses, decorrendo entre julho e agosto de 2021.

3.1. Abordagem Quantitativa

O processo metodológico da abordagem quantitativa foi aplicado a uma amostra de carácter não-probabilístico. Os estudantes da UNTL foram seleccionados entre as três faculdades que já introduziram a matéria de empreendedorismo no currículo (FEG, FAGRI e FECT). Para alcançar os objetivos propostos, optou-se por restringir a 75 o número de estudantes a integrar a amostra, todos matriculados no ano 2020/2021. Os dados foram recolhidos através do método inquérito por questionário de tipo semiestruturado. Este modelo de questionário é necessário quando se pretende obter informação qualitativa para completar e contextualizar a informação quantitativa obtida pelas outras variáveis (Hill & Hill, 2016). O instrumento da investigação foi elaborado a partir da adaptação do questionário de IE desenvolvido por Liñán e Chen (2009) e do questionário utilizado na dissertação de Moreira (2014). O questionário continha sete secções: dados pessoais, atitudes em relação ao comportamento, normas subjetivas, percepção e controlo do comportamento, intenção empreendedora, conhecimento empreendedor e contexto institucional. Utilizou-se a escala Likert de 7 pontos: sendo 1= “Discordo Totalmente” e 7= “Concordo Totalmente”, para determinar em que medida concordavam ou discordavam com as afirmações. Originalmente as escalas foram apresentadas em língua inglesa, depois foram traduzidas em língua portuguesa no questionário desenvolvido por Moreira (2014) e, finalmente, foi traduzida para tétum, para facilitar a compreensão por parte dos alunos.

No que respeita ao processo de recolha de dados, este resultou de um trabalho colaborativo entre a investigadora e os docentes da UNTL que lecionaram a UC de Empreendedorismo. Desta forma foi possível aplicar o questionário diretamente em sala de aula aos estudantes. Os dados recolhidos foram organizados e codificados na folha de cálculo Microsoft Excel. O processo da análise de dados foi dividido em duas etapas: a análise descritiva e a análise de correlação de spearman para testar as cinco hipóteses básicas propostas acima, com os critérios definidos em Marôco (2018). Todas as análises foram efetuadas com o software SPSS v.24.

3.2. Abordagem Qualitativa

Esta abordagem foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro momento foi distribuído o guião de entrevista aos professores que lecionam a UC de empreendedorismo. O guião foi adaptado de Redford (2006), no âmbito de uma investigação nacional sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal, em 2004/2005. Na segunda fase realizou-se a entrevista através de uma marcação prévia com os professores. As entrevistas foram gravadas em formato áudio e transcritas na totalidade. Nestas foram abordados os seguintes tópicos: dados pessoais, trajetória profissional, atividades empreendedoras já desenvolvidas, ferramentas pedagógicas (objetivos, conteúdo, método pedagógico

Variável	Categoria	Frequência absoluta (N)	Percentagem (%)	Percentagem cumulativa
Género	Feminino	40	53,3	53,3
	Masculino	35	46,7	100
Faculdade	Economia e Gestão (FEG)	25	33,3	33,3
	Agricultura (FAGRI)	25	33,3	66,7
	Engenharia, Ciência e Tecnologia (FECT)	25	33,3	100
Situação profissional	Estudante a tempo inteiro	63	84	84
	Trabalhador-estudante	12	16	100
Participa atividade ligada ao empreendedorismo fora da universidade	Sim	37	52,1	52,1
	Não	34	47,9	100
Idade	Parâmetros	Valores		
	Mínima	20		
	Máxima	31		
	Média	23,59		
	Desvio padrão	1,839		

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos estudantes

Em relação às variáveis determinantes da intenção empreendedora, o resultado mostra que os estudantes responderam “concorda totalmente” em relação à formação de empreendedorismo influenciando as quatro variáveis em estudo: ARC, NS, PCC, CE e IE. Contudo, eles “discorda(m) totalmente” que a variável CI influencie a intenção empreendedora nos estudantes (ver Tabela 2).

Variável	Média	Desvio padrão
Atitude em Relação ao Comportamento (ARC)	6,1	1,065
Normas Subjetivas (NS)	5,9	1,007
Percepção do Controle do Comportamento (PCC)	5,3	1,199
Conhecimento Empreendedor (CE)	4,9	1,266
Contexto Institucional (CI)	1,6	0,707
Intenção Empreendedora (IE)	4,9	1,101

Tabela 2. Análise descritiva das variáveis

Após a análise descritiva, foi efetuada a análise de Correlação de Pearson para testar se existe uma correlação estatística entre as variáveis: ARC, NS, PCC e CE com a variável da IE, utilizando um nível de confiança de 95%. O resultado da tabela mostra existir uma relação positiva e significativa entre as variáveis: ARC, NS, PCC, CE e CI com a variável IE. Contudo, a relação entre as variáveis CI e IE é negativa, o que indica uma relação muito fraca. Assim, teremos de rejeitar a hipótese 5.

Hipóteses		Correlação	Pvalue	N	Resultado
H1	ARC → IE	0,442	0,000	75	Significativa
H2	NS → IE	0,539	0,000	75	Significativa
H3	PCC → IE	0,604	0,000	75	Significativa
H4	CE → IE	0,384	0,001	75	Significativa
H5	CI → IE	0,163	0,162	75	Não significativa

Nota: *Todas as correlações são estatisticamente significantes com $p < 0,05$.

*Correlação (r): “r” entre 0 e 0,33 = baixa correlação; “r” entre 0,34 e 0,66 = média correlação; “r” entre 0,67 e 1,00 = alta correlação.

Tabela 3. Comprovação das hipóteses

O resultado corrobora com as investigações realizado por Kusumojointo, et al, (2020). Um resultado contraditório relativamente às atitudes, contextos institucionais com a IEs dos estudantes podem ser determinados pela diferença nos métodos pedagógicos aplicados, a falta de professores qualificados nessa área, e insuficientes mecanismos de apoio oferecido pela instituição.

4.1. Resultado da análise de dados qualitativos

Para a abordagem qualitativa foi aplicado o guião de entrevista aos 10 professores que lecionam a UC de Empreendedorismo na UNTL. Apresentamos o perfil de cada um deles na Tabela 4.

Variável	Categoria	Frequência absoluta (N)	Porcentagem (%)	Porcentagem cumulativa
Gênero	Feminino	2	20	20
	Masculino	8	80	100
Nível de escolaridade	Doutoramento	3	30	20
	Mestrado	6	60	90
Título de graduação	Licenciatura	1	10	100
	Empreendedorismo	1	10	10
	Marketing	4	40	50
	Microcrédito	1	10	60
	Finanças	1	10	70
	Agricultura familiar	2	20	90
Categoria profissional	Auditoria de sistema de informação	1	10	100
	Leitor orientador e gerente da disciplina (C1)	5	50	50
	Leitor sénior (C2)	2	20	70
	Leitor sénior (C3)	1	10	80
	Leitor júnior (C3)	1	10	90
	Assistente	1	10	100
Faculdade	Economia e Gestão (FEG)	25	33,3	33,3
	Agricultura (FAGRI)	25	33,3	66,7
	Engenharia, Ciência e Tecnologia (FECT)	25	33,3	100
Possui/já teve atividade empreendedora	Sim	6	60	60
	Não	4	40	100

Tabela 4. Dados sociodemográficos dos professores

Tendo em consideração as respostas dos professores, ficamos a saber que o curso de Empreendedorismo na UNTL não foi apoiado por outras iniciativas da universidade, tais como centros de empreendedorismo e/ou inovação, incubadoras e concursos de planos de negócios. Quando perguntámos sobre a principal razão que impulsionou a criação destes cursos, a maioria dos professores respondeu que esteve relacionado com a procura de trabalho no mercado, tendo-se inspirado nas disciplinas estruturais de outras universidades (80%). 10% dos professores indicou ter sido sugestão dos stakeholders e outros 10% indicaram como razão o apoio político do governo. A maioria dos cursos é oferecido em turmas com mais de 35 alunos e apenas o curso de Ciência e Economia tem menos estudantes a estudar esta matéria, pelo que se optou por introduzir a UC de Empreendedorismo como opcional.

Relativamente aos objetivos de ensino, o resultado da análise descritiva mostra que as atividades práticas para desenvolver as competências empreendedoras, como criação de um pequeno negócio, raramente são definidos como objetivo de ensino. No Gráfico 1 são apresentados os resultados sobre os objetivos de ensino.



Gráfico 1. Os objetivos do currículo

Conforme se pode depreender da análise do Gráfico 2, todos os cursos de empreendedorismo incluem as definições, os tipos de empreendedorismo e inovação, o perfil de empreendedor, a identificação e avaliação de oportunidades. Temas como controlo e prevenção de falências, raramente é abordada durante os cursos. Em muitas sociedades e culturas, onde o “erro” é muito penalizado, é fundamental incluir nos conteúdos desta UC temas relacionados com o controlo e prevenção de falências. Esse conhecimento poderá contribuir para alterar certos preconceitos sociais ligados à assunção de riscos, pois o erro faz parte do caminho para o sucesso (Carvalho & Costa, 2015).



Gráfico 2. As áreas curriculares

Os professores de Empreendedorismo recorrem com maior frequência às aulas expositivas (80%), à conceção e criação de plano de negócio (40%) e ao seminário (30%). Atividades como jogos de empresa, simulações de computador e estágios, que estão frequentemente associadas ao ensino de pequenos grupos de estudantes, nunca ou muito raramente são eleitas pelos professores. No

que diz respeito ao processo de avaliação, a maioria dos professores respondeu que os alunos são avaliados através de um exame sumativo e de trabalhos de grupo, seguindo os procedimentos de avaliação instituídos na universidade.

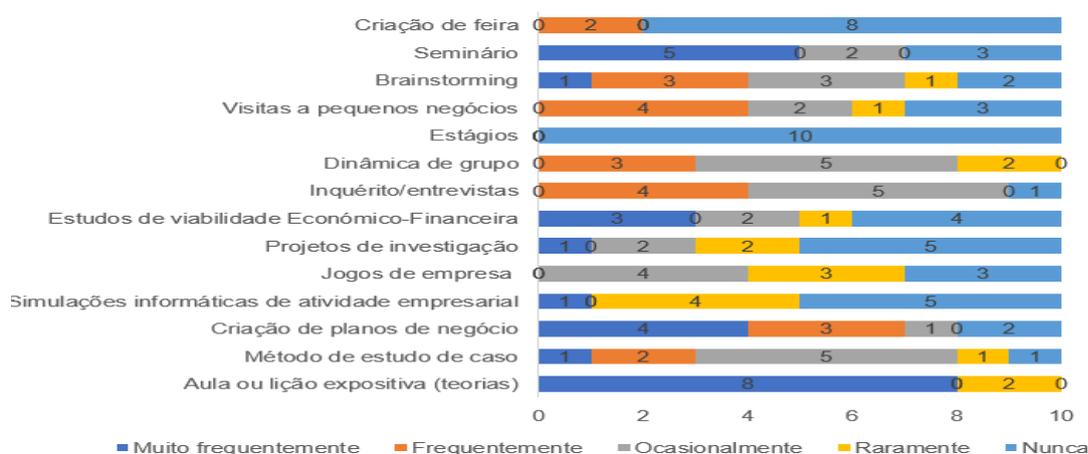


Gráfico 3. Métodos pedagógicos no ensino do Empreendedorismo

Relativamente à pergunta sobre as tendências futuras na área da educação para o empreendedorismo, que deverá ser implementado em TL durante os próximos cinco anos, os professores sugeriram a criação de um centro de empreendedorismo, de parcerias com outras entidades e a constituição de um fundo de apoio às atividades práticas realizadas pelos professores. Também é necessário fazer uma revisão do currículo, para que os conteúdos do empreendedorismo possam ser introduzidos em todos os cursos. Isto é particularmente pertinente na Faculdade de Economia e Gestão, que deverá introduzir esta matéria no currículo com carácter obrigatório.

VI ENJIE

Encontro Nacional
de Jovens Investigadores
em Educação

4 e 5 fevereiro 2022

5. CONCLUSÃO

As evidências empíricas neste estudo confirmam a validade do modelo integrador da IE baseada no modelo de TPB de Ajzen, em Timor-Leste. A principal conclusão que se tira da análise dos resultados consiste na constatação de que a maioria dos respondentes concorda que a frequência de uma UC de Empreendedorismo é potenciadora da IE para criação de negócios próprios. Estabelecendo uma ligação entre estes resultados e os resultados das entrevistas efetuadas aos professores, evidenciase uma associação direta entre as expectativas dos professores e dos estudantes em relação à educação para o empreendedorismo. O resultado da análise da correlação fraca entre as variáveis demonstra pouca contribuição no apoio à prática empreendedora dentro da instituição analisada. De facto, os programas concentram-se mais na transferência teórica do que no conhecimento prático. Isto implica que os estudantes têm pouca oportunidade para praticar as atividades de empreendedorismo (Lackeus, 2015).

Estes resultados sugerem que as universidades necessitam de conceber e implementar várias atividades para encorajar os docentes a aplicar uma variedade de métodos e modelos de aprendizagem criativos e inovadores, fornecendo instalações e infraestruturas de apoio às atividades empresariais para criar uma atitude empreendedora e intenção empreendedora dos estudantes (Kusumojanto, et al., 2020). Assim, torna-se necessário introduzir no processo de aprendizagem programas de formação empreendedora mais eficazes e com uma pedagogia mais ativa focada na teoria e na prática com ênfase na ação e no acesso ao mundo empresarial (Redford, 2006; Schaefer & Minello, 2020). Espera-se que os resultados contribuam para ajudar na elaboração de políticas universitárias que venham a criar um clima favorável ao empreendedorismo, subsidiando programas de capacitação de futuros empreendedores.

O estudo que apresentamos também demonstra algumas limitações, situação comum a grande parte dos trabalhos de natureza empírica. Referimo-nos, por exemplo, ao número de respostas aos questionários, o qual poderia ter sido alargado a estudantes de outras universidades que não apenas a UNTL, permitindo uma caracterização mais abrangente dos estudantes timorenses. No entanto, a abordagem que ora apresentamos poderá ajudar os indivíduos a tornarem-se empreendedores de sucesso, capazes de contribuir para a criação de postos de trabalhos, aumentando o crescimento da economia do país para uma maior competitividade global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational behavior and human decision processes*, 50(2), 179-211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Ajzen, I. (2002). Perceived behavioural control, self-efficacy, locus of control and the theory of planned behaviour 1. *Journal of applied social psychology*, 32(4), 665-683.
- Carree, M. A., & Thurik, A. R. (2010). The impact of entrepreneurship on economic growth. In *Handbook of entrepreneurship research* (pp. 557-594). New York, USA: Springer.
- Carvalho, L. C., & Costa, T. G. (2015). *Empreendedorismo uma visão global e integradora*. (1º ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Comissão Europeia. (2016). *Educação para o Empreendedorismo nas escolas europeias. Relatório Eurydice*. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.
- Cunha, L., Marquesan, F., & Silva, J. (2021). Ensino do empreendedorismo: percepção dos alunos de uma instituição de ensino superior. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 6(1), 89-111.
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Effect and counter effect of entrepreneurship education and social context on student's intentions. *Estudios de economía aplicada*, 24(2), 509-524.
- Global Entrepreneurship Monitor Report. (2019). *GEM 2019 Global Executive Report*. <https://www.gemconsortium.org/report/gem-2018-2019-global-report>
- Hartzenco, J. & Venesaar, U. (2017). Impact of Entrepreneurship Teaching Models on Students' Entrepreneurial Intentions: The Case of Estonia and Hungary. *Research in Economics and Business: Central and Eastern Europe*, 9(1), 72-92.
- Kusumojanto, D. D., Narmaditya, B. S., & Wibowo, A. (2020). Predictors of self-employment behavior among business graduates. Evidence from Indonesia. *Entrepreneurship and Sustainability Issues*, 8(2), 454. DOI: 10.9770/jesi.2020.8.2(27)
- Jesus, B., & Quaresma, R. (2019). Educação para o empreendedorismo: Análise das Práticas didático-pedagógicas e proposta de um novo modelo para o ensino do empreendedorismo em Timor-Leste. Em *CEE'2019 Conference on Entrepreneurship Education*. INESC TEC. Porto, Portugal.
- Lackéus, M. (2015). *Entrepreneurship in education: what, why, when, how*. Entrepreneurship 360 – Background Paper. European Commission.
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 33(3), 593-617. DOI: 10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x
- Liñán, F. & Fayolle, A. (2015) A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. *International, Entrepreneurship and Management Journal* 11(4), 907-933. DOI: 10.1007/s11365-015-0356-5
- Martins, F. M. (2013). O importante da educação não é apenas formar um mercado de trabalho, mas formar uma nação com gente capaz de pensar. *Revista Veritas*, 1, 35-43.
- Mesquita, D., Flores, M. A., & Lima, R. M. (2018). Desenvolvimento do currículo no ensino superior: desafios para a docência universitária. *Revista Iberoamericana de Educación Superior*, 9(25), 42-61. DOI:10.22201/iisue.20072872e.2019.25.338
- Moreira, R. V., (2014). O impacto da educação em empreendedorismo sobre intenção e comportamento empreendedor. *Dissertação de Mestrado em Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial*. Universidade Aveiro.
- Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (2017). *Relatório Nacional sobre a implementação da agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. Portugal.
- Oliveira, B. F., Vieira, D. A., Laguía, A., Moriano, J. A., & Soares, V. J. S. (2016). Intenção empreendedora em estudantes universitários: adaptação e validação de uma escala (QIE). *Avaliação Psicológica*, 15(2), 187-196. DOI: 10.15689/ap.2016.1502.07

- Redford, D. T. (2006). Entrepreneurship Education in Portugal: 2004/2005 National Survey. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12, 19-41.
- Ribeiro, R. L., Oliveira, E. Q., & Araújo, E. S. (2014). A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 10(3).<https://doi.org/10.54399/rbgdr.v10i3.1482>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2020). Empreender como uma forma de ser, saber e fazer. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(1), 160-193.
<https://doi.org/10.12712/rpca.v14i1.34722>
- UNESCO. (1998). Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação. Paris, 1998. Missões e Funções da Educação Superior. Piracicaba: Unimep. Está disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/onu12-2.html>
- Zaman, U., Zahid, H., Aktan, M., Raza, S., & Sidiki, S. N. (2021). Predictors of self-employment behavior among business graduates. *Cogent Business & Management*, 8(1), <https://doi.org/10.1080/23311975.2021.1947760>

VI ENJIE

*Encontro Nacional
de Jovens Investigadores
em Educação*

4 e 5 fevereiro 2022